

Caderno de Resumos

siits

5^o Simpósio Imagem e Identidade e Território
Maceió | 28, 29 e 30 de outubro de 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT





O 5º Simpósio Imagem e Identidade e Território dá continuidade às edições anteriores do Simpósio organizado bianualmente pela Rede Latino-americana Imagem e Identidade e Território, composta pelos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Nordesteanças, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas (Nordestanças|UFAL) – promotor desta edição do evento; Grupo de Pesquisa Identidade e Território, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPIT|UFRGS); Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GPMC|IPPUR|UFRJ); Laboratório Urbano, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (Laboratório Urbano|PPG-AU|FAUFBA); Prof. Dr. Ramiro Rojas, da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO/Equador).

PROGRAMAÇÃO

Munguzá de Boas Vindas | 28.10.15 | 9:00 12:30

MESA DE ABERTURA: TRAJETÓRIAS ATUAIS DOS GRUPOS DA REDE LAIT
Juliana Dias (GPN|UFAL), Eber Marzulo (GPIT|UFRGS), Frederico Araujo (GPMC|UFRJ), Ana Rodrigues (GPDU|UFF), Ramiro Rojas (FLACSO)

PAINEL 1 | 28.10.15 | 14:00 15:30

LECTURAS EN CLAVE DE RETORNO: DERRIDA, ALTHUSSER Y LACAN EN LA QUERRELLA DE LAS HUMANIDADES

María Bertilde Stegmayer (UBA)

ENTRE UMAS E OUTRAS NA RESSACA DO PÓS-ESTRUTURALISMO

Walcler de Lima Mendes Junior

INTENSIDADES DEMONÍACAS. CONTAR, RECONTAR EXPERIENCIAR CHAPEUZINHO VERMELHO

Ricardo José de Moura

PAINEL 2 | 28.10.15 | 16:00 17:30

IRVIRIFICAR

Eclea Moraes; Frederico Guilherme Bandeira de Araujo; Gabriel Schvartsberg; Heitor Levy Ferreira Praça; Leticia Castilhos Coelho; Priscila Medeiros de Oliveira; Raphael Soifer

APRENDIZAGENS DO ESPAÇO ATRAVÉS DA INDIVIDUAÇÃO SEM SUJEITO

Thais de Bhanthumchinda Portela

METRÔNOMO

André Cavedon Ripoll; Marcelo Damasceno

PAINEL 3 | 29.10.15 | 9:00 10:30

CIDADE E ÁGUA NO ESTUÁRIO GUAJARINO: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS

Juliano Pamplona Ximenes Ponte

UMA ECONOMIA POLÍTICA DAS TROCAS SIMBÓLICAS: O SAGRADO, A CRENÇA, O SACRIFÍCIO E O DIVINO NO SERTÃO DE ALAGOAS

Jesana Batista Pereira; Walcler de Lima Mendes Júnior

ARQUITETURA POPULAR E TERRITÓRIOS DOMÉSTICOS: ENTRE PLATIBANDAS E QUINTAIS

Thalita Lins do Nascimento

PAINEL 4 | 29.10.15 | 11:00 12:30

METROPOLIZACIÓN, TERRITORIO Y MOVILIDAD URBANA: LA LÍNEA BLANCA DEL TELEFÉRICO DE LA PAZ-EL ALTO

Ramiro Rojas

OPERACIONALIDADE CAPIVARA OU NOTAS DE COMO CHEGAR LOGO EM CASA FRAGMENTOS DE UMA PESQUISA DE FRAGMENTOS

Alice Tavares, Ana Cabral Rodrigues, Beatriz Duarte, Lucas Bezerra, Jessica Kelly S. C. Silva, Ralph Holzmann

E MEMÓRIAS E PRESENTES E HISTÓRIAS DE LEVA-E-TRAZ: DA DIVINÉIA À VILA RESIDENCIAL DA UFRJ

Ronieri Gomes da Silva de Aguiar; Amanda Rosetti da Silveira

ARQUITETURAS PÚBLICAS: TERRITÓRIOS 'im'POSSÍVEIS

Julian Grub

PAINEL 5 | 29.10.15 | 14:00 15:30

IDENTIDADE, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO. A EXPERIÊNCIA EM JAGUARÃO/RS

Eber Pires Marzulo, Luísa Durán Rocca

O "VELHO" E O "NOVO" OU TUDO O QUE É SÓLIDO DESABA SOBRE AS
NOSSAS CERTEZAS

Dafne Ashton Vital Brazil; Maria Francielle Calixto de Araujo; Ingrid Gêssica
Araújo; Pedro Simonard
INTERPOLAÇÕES IDENTITÁRIAS DO MUSEU XUCURUS DE PALMEIRA DOS
ÍNDIOS/AL

João Paulo Omena Silva

PAINEL 6 | 29.10.15 | 16:00 17:30

TERRITÓRIO E FAVELA: DEFINIÇÕES E CARTOGRAFIAS COMO DISCURSOS

Agatha Muller de Carvalho

A CONSTRUÇÃO DA FAVELA BRASILEIRA - DINÂMICA E TERRITÓRIO

Dominique Monticelli da Costa

: OBRAgens DE SATANÁS. e CIDADES e CIDADES INVISÍVEIS e CINEMA e
NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Frederico Guilherme Bandeira de Araujo; Heitor Levy Ferreira Praça; Iaci
d'Assunção Santos

PAINEL 7 | 30.10.15 | 9:00 10:30

QUEM REFERENCIA O QUE REFERENCIA QUEM REFERENCIA? UM OLHAR PÓS-
ESTRUTURALISTA RASURANDO A IDEIA DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

Juliana Michaello M. Dias

DIÁLOGOS ENTRE LEFEBVRE E CERTEAU: O LUGAR COMO CONSTRUÇÃO

SOCIAL

Cristina Seibert Schneider

QUANDO CAI A NOITE NO PARQUE FARROUPILHA EM PORTO ALEGRE

Késsio Guerreiro Furquim

AVESSOS ENCANTOS: POR ENTRE AS BORDAS DA CIDADE

Ecléa Moraes; Iaci d'Assunção Santos

PAINEL 8 | 30.10.15 | 11:00 12:30

TORNAR-SE CORVO EM 8 ATOS

André Cavedon Ripoll

ESPAÇO NA ÉPOCA DA PROLIFERAÇÃO DE IMAGENS

Eber Marzulo

"NÃO ME PRENDA SOU CONSUMIDOR". FORMA DE PRODUCCIÓN Y

CIRCULACIÓN DEL VALOR SOCIAL

Micaela Cuesta

PAINEL 9 | 30. 10.15 | 14:00 15:30

CONICAL INTERSECT: DESTRUIR E CONSTUIR

Daniela Mendes Cidade

"MINAR, ESCAVAR, PERTURBAR E SUBVERTER": A CENA INSTABILIZADORA E O
MASCULINO CORAL

Duda Woyda; Djalma Thürler

CAOSGRAFIA

Amanda Rosetti da Silveira; Ana Cabral Rodrigues; Flávia de Sousa Araújo;

Frederico Guilherme Bandeira de Araujo; Gabriel Schvartsberg; Heitor Levy

Ferreira Praça; Iaci D' Assunção Santos; Laura Souza Rêdes; Leticia Castilhos

Coelho; Natalia Velloso Santos; Priscila Medeiros de Oliveira; Raphael Soifer;

Ricardo José de Moura; Ronieri Gomes da Silva Aguiar; Samuel Thomas Jaenisch

ASSEMBLÉIA FINAL | 30.10.15 | 16:00 17:30

PERSPECTIVAS DA REDE LAIT



LECTURAS EN CLAVE DE RETORNO: DERRIDA, ALTHUSSER Y LACAN EN LA QUERRELLA DE LAS HUMANIDADES

María Berti de Stegmayer

Si Lacan puede ser contado entre los autores de la corriente postestructuralista, las razones de esta inclusión -que no deja de ser polémica- se deben a la forma que asume su retorno a Freud. Podría compararse el movimiento que opera Lacan en el texto freudiano con el modo en que Derrida vuelve a leer a ciertos autores de la tradición filosófica (a Nietzsche, Heidegger, entre otros). Asimismo, también bajo el signo de un retorno, Althusser produce una interpretación de Marx que tendrá consecuencias críticas para el marxismo (y más allá) en sus diversas variantes post (cf. Laclau, Rancière, Badiou, Balibar). ¿Cómo entender entonces el retorno a ciertos textos/autores en este preciso sentido? La noción de retorno que quisiéramos interrogar resulta indisoluble de un concepto de lectura que se distancia tanto de los paradigmas hermenéuticos, como del positivismo y del estructuralismo en su versión canónica. Así, las ideas de diferencia, huella, resto, síntoma, interpretación, coyuntura, entre otras, funcionaron como engranajes clave de dispositivos de lectura, ya se trate de la deconstrucción (Derrida), la lectura sintomática (Althusser) o la escucha analítica (Lacan) que cambiaron para siempre la noción de crítica en el campo de las ciencias humanas. Qué significa leer buscando producir cruces y divergencias entre estos autores y sus conceptos será la pregunta que orientará nuestro recorrido.

ENTRE UMAS E OUTRAS NA RESSACA DO PÓS-ESTRUTURALISMO

Walcler de Lima Mendes Junior

Como expressão relacionada ao pensamento pós-estruturalista, pós-colonialista, pós-moderno, o acultramento da instância política, isto é, a rasura do signo que expressa efeito politizador dos discursos, em nome de identidades, não mais de classe social clássica oposição entre capital e trabalho mas, étnico-culturais, prevalece como suplemento que localiza/mobiliza indivíduos em construções de pertencimento a grupos, comunidades, territórios e práticas afirmativas dentro da sociedade. Esse pertencimento, para tornar as coisas ainda mais fluidas e instáveis, tende a ser simultaneamente fundador e contingencial, descartável e cumulativo, incentivando e estimulando múltiplas identidades, identificações, posturas híbridas, zonas de interseção em que se manifestam paradoxos, entropias e desafios às análises apoiadas no pensamento estruturado pela modernidade. O problema que será abordado nessa apresentação, sugere que, via de regra, desigualdades de renda e injustiças sociais prevalecem, permanecem e mesmo se agudizam como marcas de pobreza e exploração bastante atuais. O discurso marxizante na forma de um gigantesco monumento de concreto carcomido pelo tempo, ainda que, por vezes, sob protestos, teima em guardar lugar na praça das ideias, ao lado das novas formas arrojadas de acrílico, neon, espuma e plástico reciclado, porosas, fluidas, sensíveis que, por isso, ou, apesar disso, veem-se ameaçadas pela sombra espectral de Marx, projetada no centro da praça. O que se propõe discutir, diz respeito a pensar o que se perde (ou se ganha) na inversão de uma posição política baseada nas categorias clássicas de classe e trabalho por posturas que se afirmam através de identidades culturais, religiosas, raciais, étnicas e de gênero. Seria tácito assumir que nessa substituição algo potencialmente mobilizador e elucidador das disputas pela distribuição dos recursos disponíveis, se evanesce em condição demasiadamente abstrata, insustentavelmente leve ou, ao contrário, as não-formas, os feixes, as rasuras e suplementos configuram um instrumental mais adequado para a tarefa de traduzir e operar sobre os termos contingenciais e evanescentes da condição social pós-moderna. E, ainda que os resultados desse meio século não inspirem comemorações, não seria correto comprometer ou culpar o pós-estruturalismo.

INTENSIDADES DEMÔNÍACAS. CONTAR, RECONTAR EXPERIENCIAR

CHAPEUZINHO VERMELHO

Ricardo José de Moura

As intenções desta contação de estória são várias. Há algumas que se quer tenho ciência (e não quero tê-las), outras vêm e virão no decorrer de conversas com os co-autores (são muitos) dessa produção e há outras poucas que me esmerarei em dizê-las. Isto torna esta contação uma aventura no campo das epistemologias das intensidades. Eu diria dos demônios. Aventuro-me então em indicar um ponto qualquer dessa aventura, digo, de tentar produzir escrituras que digam: fragmentos, experiências, dizeres cidades, chapeuzinho vermelho e. Portanto, uma das ideias desta prosa é recontar “a” estória da Chapeuzinho Vermelho procurando perverter a lógica da representação, assim como imaginar ver, sentir, experimentar e construir mundos.

Então, se pensas acompanhar o reconto da chapeuzinho vermelho, sugestão: faça isso com malignidades de sentidor, de perturbações de memória, e pouquinho de nada de razão (sei não). Por certo, faço gosto se experiências tuas em ouvirdes, causos meus, te farão querer esta ladainha no mais alto nível de ciência. O Coisa Ruim, o Dianho, o Cramulhão, o Cão, o Tisnado, o Coxo, o Pé-Preto, o Sete-Pele, o Não-sei-que-diga existe não, e diz: isso é sofisticação epistemológica. Epistemologia dos demônios, das intensidades. Lobo. Lobos. Matilha. Matilhar. Eita coisa boa.

Assim, esta conversa se conecta a emaranhados de outras tantas possíveis, imaginadas e imagináveis, inventadas e inventáveis, a multiplicidades libidinais inconscientes, moleculares, intensivas constituídas de partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer-se e desfazer-se, comunicando, passando uma nas outras no interior de um limiar, ou além ou aquém, aqui acolá. Pesquisa? Planejamento Urbano? Cidade? Identidade? Dizem que é ciência esta contação danada de estórias, mentirada da porra. Se for para contar estórias, mentir, usurpar, ludibriar, inventar deixe contar as minhas, que não são minhas, mas dos fluxos dos inúmeros personagens que me habitam, mequetrefes, pelo menos elas dizem das imaginações, invenções, delírios, mentiras e roubos meus e dos muitos que me atravessam e me habitam. Meu modo de operar é sempre em quadrilha artigo 288 do Código Penal Decreto Lei 2848 de 07 de dezembro de 1940. Não notaram o primeiro roubo? Em algum lugar aqui se encontram Deleuze e Guattari que escreveram um tal de Mil Platôs Capitalismo e

Esquizofrenia. "Peguei de empréstimo" uma escritura...agora é correr atrás de mim, ou melhor, dos muitos que estão comigo e em mim, desta quadrilha de dianhos, de mequetrefes, de sacis e.

Pela estrada a fora eu vou bem sozinha / levar esses doces para vovozinha / Ela mora longe o caminho é deserto e lobo mal passeia aqui por perto / Mas à tardinha ao sol da floresta / junto à mamãezinha dormirei contente

Um só ou vários lobos?

Chapeuzinho Vermelho tá de volta.



IRVIRFICAR

Eclea Morais; Frederico Guilherme Bandeira de Araujo; Gabriel Schvarberg; Heitor Levy Ferreira Praça; Letícia Castilhos Coelho; Priscila Medeiros de Oliveira; Raphael Soifer

O trabalho tem por base empírica fragmentos discursivos (escritos e imagéticos), colhidos ou produzidos em deslocamentos (a pé ou em transporte público ou privado de diferentes modalidades) por cidades ou regiões. Fragmentos que de alguma forma problematizam as possibilidades do ir, do vir e do ficar das pessoas, de seus afectos, de suas memórias. São dizeres que, por exemplo, indicam estratégias do esperar como modo de aceleração do deslocamento, do não ir como modo de ir ou vir, da escolha do meio mais lento como forma de agilidade. Ao mesmo tempo são dizeres que instituem cidades e regiões singulares em tensão com cidades e regiões do poder instituído, do planejamento urbano e regional, dos mapas oficiais. No texto elaborado esses fragmentos são tramados de modo a não configurar uma totalidade que supostamente diria o que “é” a mobilidade dos corpos ou dos afectos ou das memórias, mas tramados como sinalizações a possíveis totalidades fragmentárias, nos termos de Deleuze e Guattari: urdidura rizomática fugaz constituída por sínteses conjuntivas, conectivas e disjuntivas. Esse discurso construído, então, como multiplicidade, menos afirma e mais provoca, interpela o leitor a construir sua própria oração sobre as estratégias e as práticas de ir, vir, ficar.

APRENDIZAGENS DO ESPAÇO ATRAVÉS DA INDIVIDUAÇÃO SEM SUJEITO

Thais de Bhanthumchinda Portela

Aprender é ação de sujeitos entre si e com e para o mundo, que estabelece um diagrama de forças entre o pulso conservativo [memória, preconceitos, rede de relações sociais, tabus...] e o transformador [imaginação, criação, revolução...]. Todo sujeito que chega insere-se em um contexto dado [o pré-individual que em cada sociedade, grupo ou indivíduo configura um regime de signos e significantes já posto] e, pelo aprendizado o sujeito passa a poder se articular entre o diagrama. O sujeito conquista o direito à palavra [à fala e à escuta entre sujeitos] que o permite articular as ações em jogo. Aprender é conquistar a palavra-ação e tornar-se sujeito, é poder ser e fazer o espaço [concebido, percebido, vivido]. Espaço se faz pela palavra-ação do sujeito. O espaço, e as cidades como produtos do espaço contemporâneo, chegam ao estado de crise marcadamente a partir da Era da Aceleração do Antropoceno [a partir de 1945 até hoje] e faz se necessário repensar as categorias e recriar noções com que construímos o espaço já que as que herdamos do pensamento urbanístico são as mesmas que perpetuam essa crise. Dai pensarmos no sujeito. Como [re]fazer o espaço para transformar [recriar] tanto a palavra-ação do sujeito como o espaço por ela concebido, percebido e vivido nas cidades do Antropoceno? Não se sabe a resposta, por isso achamos que é preciso [re]aprender a agir no espaço, inventando outras palavras-ação. Por hipótese coloca-se que este aprender deve ser feito “fora” do pensamento urbanístico.



METRÔNOMO

André Cavedon Ripo II; Marcelo Damasceno

Esta proposta apresenta, através de uma produção audiovisual e posterior exposição verbal, um projeto de intervenção urbana. O projeto propõe realizar a transmissão em tempo real (ao vivo) de demolições que acontecem na Avenida Tronco no Bairro Cruzeiro, Zona Sul de Porto Alegre, ao captar imagens e sons deste acontecimento e projetar nos corredores da Estação Mercado do Trensurb no centro da cidade.

“O trem chega. Chega agora e chega outro daqui em pouco. Sempre chega. Chega e deságua um monte de gente que chega também. Sai um a um, como grãos de areia de uma ampulheta que marca o tempo da cidade. Quando acaba uma volta vira-se a ampulheta, chega outro trem, grãos de areia do automatismo diário.

O tempo na cidade é um constante bater do marca-passo, que passa e passa. Se não passa é problema. O que precisa é garantir fluxo.

Na borda da cidade o tempo rápido encontra o acaso, a lentidão que se resolve no improviso do cotidiano. Se resolve apesar dos segundos. Apesar do bater do marca-passo. O passar do tempo aqui é na potência do acontecer. E o acontecer é de duração lenta!

Mas a lentidão atrapalha. “Deixa passar! Tem que fluir, tem que andar!” Realizar a sequência em acordar-deslocar-trabalhar-deslocar-descansar. O problema do lento é a falta de ordem, a falta de contar tempo, a falta de linha. Mas deixa!, o tempo rápido vem. O tempo-marca-passo avança. Do dentro à borda, tornando dentro.

E de lento passa aqui, então, a estar suspenso o tempo. Suspenso o tempo do acontecimento!; porque o tempo que bate segue batendo. A destruição que garante o não acontecer para poder garantir o contar. Contar segundos, contar quilômetros, contar dinheiro.”

CIDADE E ÁGUA NO ESTUÁRIO GUAJARINO: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS

Juliano Pampolona Ximenes Ponte

A relação entre água, elemento da paisagem, e a estruturação territorial das cidades, é milenar. Negando qualquer essencialismo, tanto da matéria, da substância, quanto da suposta vitalidade e das atribuições do termo à sobrevivência biológica no mundo, a água apresenta-se como fator que, compondo o ambiente, participa da formulação de cosmologias e de sentidos e práticas sociais de produção territorial.

Este texto discute aspectos, dispostos em diferentes fontes bibliográficas e em pesquisa própria, dos sentidos da água na paisagem e no território urbanos; da água como elemento do ambiente que, possuindo diversos atributos, ora justifica, legitima ou recebe intenções, na fala de moradores e ocupantes, recebendo “intenções” e “desígnios”, eventualmente. Em meio aos sentidos atribuídos e relatados na água na paisagem urbana, extraímos fragmentos de uma retórica das práticas urbanas sobre como manejar o ambiente, sobre quais classes e grupos sociais têm direito a quais porções do ambiente e sobre as perspectivas futuras de reprodução social, de acumulação econômica, de regulação de usos e formas de apropriação territorial sobre este elemento que é, com frequência, substância, veículo, paisagem e recurso.

Usamos o caso da cidade de Belém, no Estado do Pará, Norte do Brasil, como empiria principal; a cidade, portuária, fundada no século XVII, apresenta várias formas territoriais de uso da água, e demonstra, nestas formas, aspectos da concentração de benefícios locais e justificativas para estes, calcadas também na atribuição de sentidos à paisagem, no caso, tão intimamente relacionada à extensa rede hidrográfica amazônica.



UMA ECONOMIA POLÍTICA DAS TROCAS SIMBÓLICAS: O SAGRADO, A CRENÇA, O SACRIFÍCIO E O DIVINO NO SERTÃO DE ALAGOAS

Jesana Batista Pereira; Walcler de Lima Mendes Júnior

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre o que se diz tradição e o que se diz modernidade a partir de uma etnografia feita no Santuário Teresiano situado no Município de Mata Grande no estado de Alagoas por ocasião de uma romaria no dia 17 de Maio de 2015. O Santuário Teresiano é o espaço oficioso dos rituais marcados pela presença do beato Pe. Sizo, presente também nas romarias, nos CD'S e DVD'S vendidos na loja de souvenirs, na sala de ex-votos, no voo do helicóptero soltando pétalas de rosas sobre os romeiros. Toma para seu feito a religião como uma modalidade de relação do homem com o divino. Uma modalidade de relação na ecologia humana dos modos de produção de sentidos e signos. A trama se enreda nas formas de troca entre dois poderes: um que excede os desígnios dos acontecimentos terrenos, situado nas potências superiores e outro um (des) poder situado nos sujeitos-viventes crentes e históricos. As moedas de troca são: o sagrado, a crença, o sacrifício e o divino.

ARQUITETURA POPULAR E TERRITÓRIOS DOMÉSTICOS: ENTRE PLATIBANDAS E QUINTAIS

Thalita Lins do Nascimento

Dentre as várias manifestações da arquitetura popular no Nordeste, destacam-se as casas de meia morada, tipologia arquitetônica que atravessa séculos e ainda hoje marca a configuração urbana das cidades interioranas de vários estados nordestinos. Um importante registro iconográfico referente a esta produção é o pioneiro *Pinturas e Platibandas* (1987), no qual a fotógrafa Anna Marianni documenta mais de 200 casas populares em várias cidades do Nordeste. As fotografias que compõem o livro são retratos frontais de fachadas organizadas em escala única que permitem ao leitor apreciar o livro como quem passeia por ruas de casas corridas. Tangenciando as casas retratadas por Marianni, apresenta-se neste artigo os quintais, que recobertos pelas fachadas, parecem manter-se como lugares resguardados, já que, em se tratando de casas de meia morada, seu acesso só é possível depois de se atravessar a habitação. Entretanto, os quintais relevam-se como espaços de múltiplas possibilidades, fragilizando muitas vezes as fronteiras entre rural/urbano, público/privado, dentro/fora. Muito mais do que meros fundos de lote, são lugares ricos em vivências, práticas e saberes. Para este estudo, foi tomada como referência a cidade de Quebrangulo, localizada no agreste do estado de Alagoas. Nessa cidade, o geminamento junto à sucessão de platibandas e fachadas no alinhamento da rua formam verdadeiros corredores de casas em fita, nos quais os quintais colocam-se como espaços de intensa vitalidade.

METROPOLIZACIÓN, TERRITORIO Y MOVILIDAD URBANA: LA LÍNEA BLANCA DEL TELEFÉRICO DE LA PAZ-EL ALTO

Ramiro Rojas

En las últimas décadas fuimos testigos de la evolución de imprecisos imaginarios urbanos vinculados al Teleférico a formas más concretas y tangibles. Había entre los habitantes paceños, ciudadanos de a pie y expertos, una vaga intuición sobre la necesidad de imaginar algún horizonte de innovación técnica para resolver los problemas acumulados de la movilidad pública, asumida una imposibilidad imaginaria de hacerlo dentro de su propia lógica. El artículo es un *chair* que ilustra y entretiene pero que puede confundir. El verdadero análisis de "fenómenos" contradictorios como esos casos, en países en procesos populares de transformación, debería apuntar a lo que está sucediendo en el nivel local ¿Que pasa en las ciudades? ¿Porque se reproducen en las ciudades latinoamericanas los idearios de la "ciudad neoliberal" que enarbolan los "nuevos" lideras de la derecha remozada? Muchos estudios muestran que la ciudad neoliberal (competitividad, privatización, fragmentación/segregación, emprendedurismo, capitalismo inmobiliario) que se ha ido difundiendo desde los modelos metropolitanos del centro del capitalismo global hasta nuestro capitalismo periférico local, consolida una paradójica y peligrosa alianza global-local, por sobre la escala nacional. ¿La ciudad, es la gran asignatura pendiente de los procesos de transformación? Al menos deberían ser un campo urgente de investigación y de atención de los movimientos sociales..... En este contexto, a continuación se plantea una agenda de investigación que podría analizar el modo en que la construcción de infraestructura de transporte alternativo reconfigura el espacio social y por lo tanto alteran las relaciones sociales que en esos nuevos lugares (estaciones, redes) se producen, sea en términos de la movilidad de las personas, la accesibilidad a lugares antes desconectados, el transporte de mercancías, la construcción de nuevas infraestructuras asociadas a al teleférico, e incluso, en las representaciones que distintos actores se hacen de estos nuevos espacios que se conectan. ¿ En un primer año de funcionamiento se puede tener en uso toda la capacidad instalada?, Representantes de la empresa mi teleférico señalaron que: "Este es un proyecto a largo plazo, es hasta el 2058.

OPERACIONALIDADE CAPIVARA OU NOTAS DE COMO CHEGAR LOGO EM CASA FRAGMENTOS DE UMA PESQUISA DE FRAGMENTOS

Alice Tavares, Ana Cabral Rodrigues, Beatriz Duarte, Lucas Bezerra, Jessica Kelly S.

C. Silva, Ralph Holzmann


Começemos por ora assim: experimente sustentar a importância de uma rua, ou coisa que o valha, sem recorrer um instante sequer a qualquer referência de uma possível utilidade sua. Sem, por exemplo, dizer como serve para ligar, fazer chegar, circular. Sem lançar, pois, mão de serventias que se possa querer atribuir à ela. Ou, então, algo distinto: diga sem pestanejar demais sobre a importância da poesia. Assim também, não a diga a partir de préstimos ao campo das artes, da cultura ou dos deleites pessoais. Mais ainda. Tente argumentar sobre a importância de uma pesquisa. E, de modo algum, é claro, se deixe seduzir pelas rápidas respostas que acoplam realidades prévias que se ratificam mutuamente, como abridor que se dirige a uma lata.

Do outro lado da rua, a capivara: dia terminando, ela sai do rio, puxa as crianças, sobe pra pista, dá sinal pro carro, o motorista espera pacientemente a travessia de todas as capivarinhas. Ela agradece com a cabeça e segue. Passa por mim sem responder ao meu riso. Ela quer chegar logo em casa.

Uma desutilidade! alerta o poeta matogrossense. Abridores de amanhecer, parafusos de veludo e alarmes para o silêncio não apaziguavam, de fato, as ansiosas perguntas: "Mas para que isto serve? Afinal, qual a sua utilidade"? Ora veja, o que seria mais patético do que indagar a respeito das serventias de um parafuso de veludo? Um parafuso de veludo! Seria, antes, mais prudente indagar a estas desutilidades: o que podem? Como quem indaga sobre o inaudito.

Incontáveis corpos à espera da embarcação. Um suspiro de alívio quando, ao longe, já se pode ver a manchinha branca se aproximando por sobre o mar. Suspiro que só não pôde esvaziar de todo o ar do peito graças à interrupção de um súbito "êeeeeiiiaa" Abre-se uma clareira de gentes assustadas. Incansável, o corpo espalhafatoso galopa no ar, arqueando as pernas pra cavalo invisível lhe caber confortavelmente. Segura rédea apertada, freia. Recomeça. Agarra a rédea, arqueia as pernas, golpeia-lhe no traseiro, insiste-se no ar. A boca balbucia história de uma certa "casa lá naquela cidadezinha ali de são esqueci o nome". História de um certo "portão, de lagoa, de ingrato moleque, de aí então"; história de "como é que pode?", de "vê se pode?!", de "assim não pode não!" de "êeeeeeeeeiaaaa!"; de "portão trancado", de "ingrato moleque", de "casa para a qual não se pode mais voltar", de "vê se pode", de "aí então", de "êeeeeeeeeia!"

Toda vez que alguma "microcoisa que seja" mexe, mexe tudo em volta. E tudo em Volta Redonda mexe visível ou invisível, aqui perto, onde até o



rio resolveu fazer curva. A conclusão é que não tem muito bem uma, porque estamos sempre às voltas.

O que faz de um fragmento urbano, "urbano"? Que se reconheça nele a imagem de uma cidade que se faz tão imediata às sensibilidades que o capturam? Ou então que ele tenha como palco as ruas, os dramas, os ritmos da urbe? Ou ainda, que dele se extraia o elixir do sentido da "polis"?

A última conversa que tive num ponto de ônibus demorou uma hora... O ônibus da Vila, que é um dos centros de Volta Redonda, pro meu bairro, que é bem uma "mini cidade" afastada de todo comércio, violência ou movimento (pelo menos dos mais standard), bem um micromundo de cidadezinha de interior, demora...

Falamos de três coisas que estalaram na cabeça... e que rodeiam esta cidade, como talvez também rodeiem as outras... A ancestralidade, o paralelismo de universos e o destino.

Mas então perguntemos de outra forma: o que faz de um fragmento urbano, "fragmento"? Afinal, não nos parece que ele represente coisa alguma da realidade e de sua suposta origem. Não conduz, portanto, à possíveis reconstituições. Apenas montagens. Nada útil. Nem inútil.

A fala do apresentador do telejornal aparece em destaque na padaria da esquina: a percebo como senhora de todos os outros sons. Detesto seus dizeres, mas por razões desconhecidas eu o ouço em destaque. Ao mesmo tempo, o comentário tão desgostoso quanto minhas entranhas da "moça-que-tinha-tudo-para-ser-preconceituosa-mas-não-o-é" sobre a soberba do apresentador me salta ainda mais aos ouvidos. Porque se perde entre as frequências sonoras. Mas eu não o esqueço. As vezes a desutilidade é uma esperança.

Vieram, depois, meus ancestrais: avôs e bisavôs, que fizeram a "diáspora" do campo para construir a indústria prometida, que era melhor que trabalhar com cabo de enxada, de sol a sol... Por isso o vô não entendia quando o pai fazia greve... Porque a vida do vô antes da CSN foi dura... E a do pai, que já nasceu aqui no mesmo lugar que me criou, não... Do paralelismo de universos ficam o tempo, o espaço, a criação e as sobreposições. E uma coisa se sobrepõe a outra, depois a outra, depois a outra... E ficamos transportados nesses tempos, espaços e criações a partir de coisas tão simples quanto palavras e casas. E assim foi que convivem, sem deixar de estar, mesmo na sua invisibilidade, um pedaço de Barra Mansa, um território de segurança nacional, uma cidade emancipada... E essas coisas todas, que na história geral são muito mais confusas e menos sabidas do que numa conversa de ponto de ônibus, em que podemos nos teleportar sem a obrigação de ter certeza. O destino, essa palavra que é tanto o lugar para onde se vai, quanto a determinação do que será mesmo sem queremos, supondo que exista... Fica inconclusivo...

O "para onde vai" dessa cidade é só... o quê?

O destino meu é minha casa... é o meu "para onde vou nessa cidade", se o ônibus for ainda...

“E MEMÓRIAS E PRESENTES E HISTÓRIAS DE LEVA-E-TRAZ: DA DIVINÉIA À VILA RESIDENCIAL DA UFRJ”

Ronieri Gomes da Silva de Aguiar; Amanda Rosetti da Silveira

Este trabalho diz respeito à construção de discursos que dizem determinado território através de falas e marcas gráficas no espaço, como: grafites, pichações, texturas, materiais acumulados, etc especificamente na Vila Residencial da UFRJ. Buscamos registrar e recontar através de nossos afectos as marcas e formas de expressão dos moradores e trabalhadores da Vila Residencial, também suas narrativas de experiências e a forma com que eles intervêm e lidam com o espaço urbano em que vivem. Com esse trabalho, não queremos constituir nenhum discurso único. Através dos vários discursos sobre a vila, construímos um novo dizer sobre esse espaço. Acreditamos que nele há várias histórias. E com essas histórias há memórias e experiências. Temos o intuito de ouvir e conhecer essas histórias e, com isso, reconta-las e reexperiência-las e construir um discurso outro, potencializando novos dizeres.

Produzir esse trabalho na Vila Residencial da UFRJ foi desafiador e surpreendente em vários aspectos. Tivemos que lidar com altas expectativas geradas em alguns moradores devido há uma carência muito grande de recursos, então quando nós chegamos pela primeira vez, na primeira conversa, falando que estávamos fazendo uma pesquisa ficamos com um certo medo de dar uma esperança de alguma “mudança” ou de algum benefício que esse projeto poderia trazer à vida deles. Nas andanças pela Vila descobrimos muitas pessoas com memórias de um passado que faz parte da história da cidade e da UFRJ. Pessoas que viram todas as transformações no território em que vivem, que foram removidas, que viram o surgimento da Cidade Universitária, que tem familiares que fizeram parte da construção dos prédios da Cidade universitária. Descobrimos um bairro dentro de uma das maiores instituições de ensino público superior do país, porem à margem dela. Descobrimos um lugar calmo, pacífico e seguro. Nós não tínhamos um roteiro específico para a captação das imagens. Nós éramos guiados de acordo com os pontos de fuga gerados pelas conversas com os moradores. Usamos como dispositivos disparadores para captação das imagens as histórias que ouvimos através das entrevistas. Sempre buscando mostrar essas memórias através de rastros no território.

O vídeo é um pequeno fragmento de alguns relatos de algumas histórias. Ficou em nós o desejo de ouvir mais, de conhecer o mesmo lugar sobre outros pontos de vista. De viver aquele espaço. Instigamos o questionamento de histórias únicas e absolutas. Em sua palestra no TED “o perigo de uma única história”, a escritora nigeriana Chimamanda Adiche diz: “Quando nós rejeitamos uma única história, quando nós percebemos que nunca há apenas uma única história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso”.

ARQUITETURAS PÚBLICAS: TERRITÓRIOS 'im'POSSÍVEIS

Julian Grub

Explorando a cidade como possível gesto de alteridade, retomo as arquiteturas públicas como dispositivos éticos de cidadania. O ensaio parte da ideia que territórios formados por arquiteturas infraestruturais ou públicas, como exemplos, baixios de viadutos, passarelas, escadarias, estações metroviárias, tuneis são espaços residuais urbanos, e por outro lado, dispositivos de cidadania, pela potência de possibilidades, acontecimentos e agenciamentos por suas características de reunir, conectar, ligar. Permitindo o livre fluxo e, assim, a liberdade de efetuações dos desejos da cidade. Portanto, como as arquiteturas públicas podem se tornar o meio, o facilitador, o dispositivo de afeto e alteridade das cidades? E como o homem pode realizar-se como indivíduo e corpo social urbano a partir desses dispositivos técnicos? A partir de Deleuze, Guattari e Derrida, procuro desconstruir o corpo arquitetônico em territórios de intensidades, fluxos, espaços de acontecimentos, matéria de possibilidades e significados. Por um lado, Deleuze e Guattari em 'mil platôs' atacam o corpo e o próprio território como sinônimo de organismo, estrato, representação funcional, elemento cristalizado pela subjetividade do sujeito e do objeto significante acionado pela memória. E por outro, Derrida retoma o significado de corpo-objeto, numa espécie de território discursivo, livre, onde a linguagem acionada pelo pensar reconstrói o objeto em múltiplas interpretações. Portanto, o ensaio volta-se a desconstruir o objeto funcional e estratificado das obras públicas a partir da ideia de 'território do devir', onde o sentido de existência e realidade cristalizam-se em significados e subjetivações comuns e padronizados. O ensaio apoia-se no discurso da experimentação do espaço como território vivenciado, onde a arquitetura transforma-se em pura expressão, ação, gesto, matéria de intensidades, receptáculo de espera, reforçado por exemplos singulares e representativos de arquiteturas públicas de Porto Alegre.


IDENTIDADE, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO. A EXPERIÊNCIA EM JAGUARÃO/RS

Eber Pires Marzulo, Luisa Durán Rocca

O trabalho propõe refletir em torno à relação entre identidade, patrimônio e território, a partir da participação da comunidade organizada em torno às decisões sobre a intervenção e fruição do espaço público em centros históricos. Esta perspectiva se torna viável no momento atual pela democratização das políticas culturais e pela ampliação do conceito de patrimônio, que ultrapassa o âmbito arquitetônico-urbanístico abrangendo dimensões territoriais e imateriais.

Para tal, se relata uma experiência de pesquisa aplicada, realizada em 2014 cujo objetivo foi a definição das diretrizes para a requalificação da Praça Alcides Marques e do Largo das Bandeiras no centro histórico de Jaguarão, espaços públicos contíguos que formavam uma unidade espacial, a qual deu origem ao traçado urbano e que sempre teve um alto grau de valor social e cultural. Neste espaço com uma área aproximada de 20.400 m² se posicionaram os monumentos e alguns dos edifícios mais relevantes da cidade, como a igreja paroquial, a Prefeitura, as sedes dos clubes e as casas das famílias tradicionais.

A cidade de Jaguarão é a sede de um município localizado ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, na região do pampa, sobre o rio do mesmo nome e que define a fronteira com Uruguai. Ao outro lado do rio, localiza-se a cidade uruguaia de Rio Blanco. Ao igual que as outras seis cidades da divisa do extremo sul, o par Jaguarão Rio Blanco, formam "cidades gêmeas", interdependentes e complementares sociocultural e economicamente. O centro histórico de Jaguarão corresponde ao núcleo fundacional e a área urbana consolidada ao longo do século XIX que tem um legado histórico e artístico com alto grau de autenticidade, representativo na sua maioria dos períodos luso-brasileiro e eclético e também com alguns exemplares modernos. Foi tombado em nível federal pelo IPHAN em 2011. Jaguarão se destaca no cenário cultural nacional pela capacidade de articulação institucional da administração local, sendo o município sulino com maior número de projetos aprovados e beneficiados com recursos do governo federal por meio do PAC das Cidades Históricas (Programa de aceleração do crescimento) proposto pelo governo federal, como um conjunto de ações entre os governos locais e a sociedade e com uma linha de atuação específica destinada à solução de problemas que direta ou indiretamente incidem na preservação do patrimônio urbano mediante o fomento ao



desenvolvimento econômico e social dentro de parâmetros de sustentabilidade e procurando a melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais envolvidos.

O trabalho apresentado foi motivado pela constatação de um processo de deterioração do espaço público emblemático da área urbana protegida, ocasionado pelas ocupações irregulares com comércio informal mediante a instalação permanente de trailers para a venda de comidas, além da presença constante de vendedores ambulantes. Esse tipo de comércio, embora de estar em certa forma legitimado por alguns grupos sociais, era visto pelo IPHAN, pelo Ministério Público e por alguns grupos locais como um precedente negativo de apropriação do público e um meio de poluição que compromete a preservação do patrimônio urbano. A partir deste fato a Prefeitura Municipal e o IPHAN contataram a UFRGS através do CEGOV para conformar uma equipe interdisciplinar que durante um semestre, elaborou um conjunto de diretrizes de atuação no espaço físico e mediação com os diferentes grupos sociais e institucionais envolvidos. Sob a coordenação do Dr. Sociólogo Eber Pires Marzulo, foram convocados sete doutores pesquisadores-professores, quatro mestres alunos de doutorado, quatro alunos de mestrado e dez alunos da graduação, em total 26 pessoas vinculadas à Universidade. Cada doutor teve a seu cargo uma equipe que desenvolveu a pesquisa específica de sua área: Arquitetura, Urbanismo e Patrimônio; Geografia; Arqueologia; História; Paisagismo; Design e mobiliário urbano; Economia da Cultura e Pesquisa e participação social.

O trabalho foi proposto como um intervalo acadêmico para a análise e reflexão prévias ao projeto de intervenção no espaço físico e que desde o ponto de vista metodológico apresenta duas características fundamentais: primeiro, sua abordagem interdisciplinar e segundo, a participação da comunidade organizada nas decisões sobre a futura obra.

O “VELHO” E O “NOVO” OU TUDO O QUE É SÓLIDO DESABA SOBRE AS NOSSAS CERTEZAS.

Dafne Ashton Vital Brazil; Maria Francielle Calixto de Araujo; Ingrid Cássica
Araújo; Pedro Simonard

Este artigo é o resultado das andanças da equipe Rasteirinha pela Bacia Leiteira do Estado de Alagoas. Esta equipe faz parte do Grupo de Pesquisa Nordestanças, responsável pela realização do inventário de referências culturais no Sítio 1 (Agreste e Sertão) no Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial no Estado de Alagoas. No momento da realização do trabalho de campo a equipe deparou-se com um “sertão” no qual o “velho” e o “novo”, o “tradicional” e o “contemporâneo” se misturam, convivem segundo uma organicidade que desintegra os estereótipos mais comuns acerca do sertão. Nele a velocidade da motocicleta interage com o jogue, o cordel com a novela da televisão, o carro de boi com a camionete 4X4. A partir das discussões realizadas no grupo de pesquisa sobre as “rasuras” na tradição aplicadas sobre a descrição etnográfica do campo será realizado um debate teórico sobre tradição e estereótipos e uma análise comparativa entre o que foi levantado na pesquisa bibliográfica sobre as referências culturais e os territórios onde elas ocorrem e aquilo que foi encontrado durante o trabalho e campo.



INTERPOLAÇÕES IDENTITÁRIAS DO MUSEU XUCURUS DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL

.João Paulo Omena Silva

O Museu Xucurus está abrigado na antiga Igreja do Rosário, localizado na cidade de Palmeira dos Índios/AL. A Igreja Nossa Senhora do Rosário teve sua formação ligada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e ao Movimento Senhor dos Pretos. Vindas de Portugal as irmandades se difundiram em Minas Gerais, envolvendo-se numa luta sócio racial escravocrata. Assim, surgiu o “Movimento do Senhor dos Pretos” com o objetivo da luta pela liberdade racial. Uma das práticas dessa irmandade era a construção de templos em que os negros “separados” dos brancos pudessem manifestar seus cultos e crenças. Palmeira dos Índios é inserida nesse contexto com a vinda dessas irmandades para a região. Em 1802 deu início a construção da Igreja do Rosário, concluída em 1805. Em 1808 foi consagrada capela da Igreja Católica. Porém, em 1971 a igreja foi desativada e transformada no Museu Xucurus. Devido todo esse processo identificamos a presença de conflitos identitários ligados à edificação que geraram questionamentos acerca de sua atual definição: Igreja? Museu? Igreja e Museu? Museu-Igreja? Desse modo, a partir dos valores referenciais atribuídos a essa edificação pela população entrevistada, construiremos um discurso das possíveis identificações do Museu Xucurus, interpolando as falas dos entrevistados e fazendo-as dialogar. Portanto, trata-se de constituir uma fala sobre o Museu Xucurus pela fala dos “outros”. Esses “outros”, sujeitos sociais, com suas múltiplas identidades, tornam esse espaço dinâmico, tomando para si valores que apropriam com esse espaço.


TERRITÓRIO E FAVELA: DEFINIÇÕES E CARTOGRAFIAS COMO DISCURSOS

Agatha Muller de Carvalho

Este artigo surge a partir de projeto de dissertação qualificado em maio de 2015 e que, neste momento, encontra-se em etapa de pesquisa. Ainda com título provisório, Território e Favela: definições e cartografias como discursos, a dissertação deriva do Projeto de Pesquisa Espaço e Poder: uma disputa discursiva sobre as favelas com orientação do professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional Eber Pires Marzulo. O trabalho pretende investigar como definições a respeito de um fenômeno incidem no mesmo, problematizando a construção da favela brasileira como um fenômeno espacial a partir de definições e produção de dados estatísticos de grandes instituições, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

No Brasil, as contradições na produção de dados e construção do fenômeno favela são visíveis. Enquanto a ONU publica em 2010 relatório afirmando que as favelas no Brasil reduziram 16%, na mesma época são lançados os primeiros resultados do censo, com a notícia espantosa de que o número de favelas havia aumentado. A divergência entre os números aponta para dois problemas de compreensão do fenômeno. Primeiramente, trata-se por favela qualquer fenômeno, do mais generalizado ao específico, independente da fonte do dado utilizada, sem levar em consideração critérios e métodos adotados pelas instituições. A partir deste problema pode-se perguntar, afinal, a população em favela cresceu ou diminuiu? Além disso, a opinião demonstra que a compreensão do fenômeno é feita a partir de dados matemático-estatísticos, seguindo a lógica do paradigma da representação platônica, sendo os números tratados como única realidade existente (MARZULO, CARVALHO E TESSLER, no prelo). Destaca-se ainda a dependência que o fenômeno tem de critérios linguísticos e os efeitos cartográficos gerados. Porém, se a compreensão da realidade é feita através de números e existem muitas construções de favela a partir de dados de diversas instituições, existem então muitas realidades de favela? Mas por que apresentá-las como um fenômeno só? Se o dado numérico é real, como pode haver números divergentes?

O trabalho constitui de análise dos discursos referentes aos critérios de definição de favela, bem como de seus efeitos estatísticos e cartográficos. Assim, pretende-se verificar as diferenças entre as favelas



instituídas por cada instituição e problematizar a relevância destas diferenças para compreensão do fenômeno favela. Além de analisar o quão diferentes são as definições, esta pesquisa visa uma comparação em diversos níveis de aproximação dos efeitos numéricos e imagéticos divergentes. A variação de níveis compreende não apenas da origem ação institucional, ou seja, a instância da instituição analisada, como da ação em si, ou seja, a escala do estudo produzido pela instituição. Pretende-se com isso, visualizar não apenas as disputas pelas instauração do fenômeno, mas também as disputas de escala de ação política.


A CONSTRUÇÃO DA FAVELA BRASILEIRA - DINÂMICA E TERRITÓRIO

Dominique Monticelli da Costa

Este artigo surge a partir de projeto de dissertação qualificado em maio de 2015 e que, neste momento, encontra-se em etapa de pesquisa. Ainda com título provisório, Território e Favela: definições e cartografias como discursos, a dissertação deriva do Projeto de Pesquisa Espaço e Poder: uma disputa discursiva sobre as favelas com orientação do professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional Eber Pires Marzulo. O trabalho pretende investigar como definições a respeito de um fenômeno incidem no mesmo, problematizando a construção da favela brasileira como um fenômeno espacial a partir de definições e produção de dados estatísticos de grandes instituições, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

No âmbito institucional a favela recebeu distintas definições, a exemplo da classificação da ONU em seus diversos estudos e relatórios onde a definição de favela (slum) é condicionada por cinco critérios: acesso a água, esgotamento sanitário, qualidade e localização das moradias, densidade de moradores por domicílio e posse do terreno; do termo aglomerado subnormal utilizado pelo IBGE desde o Censo de 1991, cuja definição é norteadada pelos critérios de quantidade de unidades habitacionais, posse da terra e ainda padrão de urbanização e/ou precariedade de serviços públicos essenciais e, a nível municipal, do termo vila adotado no estudo Mapa da Irregularidade Fundiária realizado pelo Departamento Municipal de Habitação da Prefeitura de Porto Alegre (DEM HAB) na década de 90 e ainda utilizado atualmente, onde o único critério que o define é a posse da terra, não levando em conta carências, padrão de urbanização ou densidade habitacional. No Brasil, as contradições na produção de dados e construção do fenômeno favela são visíveis. Enquanto a ONU publica em 2010 relatório afirmando que as favelas no Brasil reduziram 16%, na mesma época são lançados os primeiros resultados do censo, com a notícia espantosa de que o número de favelas havia aumentado. Essas contradições apontam para o problema da incidência da definição e da produção estatística no fenômeno da favela.

Como estratégia de investigação e abordagem do tema, em especial serão analisados os territórios que passaram por processos de regularização fundiária no período de 2000 a 2010, com análise



combinada de dados demográficos e cartográficos de diferentes órgãos: em escala municipal, no âmbito da regularização urbanística e jurídica; e em escala nacional, a partir dos dados dos dois últimos censos realizados pelo IBGE (2000 e 2010). Tal análise é possível através de softwares que trabalham com Sistemas de Informação Geográfica - SIG. A partir da presente pesquisa, espera-se elucidar o máximo de questionamentos, como: A) Se a favela realmente aumentou, como afirma IBGE, como se deu esse aumento? Em tamanho, número e/ou população? B) Se ela diminuiu, conforme a ONU, como se deu essa melhora? Referente às favelas existentes em 2000 que deixaram de existir em 2010: isso se deu por regularização ou remoção? C) Onde está a incongruência entre os dois resultados? Slum e aglomerado subnormal podem ser considerados conceitos equivalentes ao fenômeno favela? Estão tratando das mesmas áreas? Quais? A cidade de Porto Alegre é o caso em estudo, em virtude da disponibilidade de acesso aos dados e da relevância desta cidade devido a suas políticas públicas de regularização e/ou urbanização de favelas nas últimas décadas, bem como o reconhecimento do estado do Rio Grande do Sul e de sua capital como modelo de democracia participativa de referência nacional.

: OBRAgens DE SATANÁS. e CIDADES e CIDADES INVISÍVEIS e CINEMA e

NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Frederico Guilherme Bandeira de Araujo; Heitor Levy Ferreira Praça; Iaci d'Assunção Santos

O trabalho tem por problemática mais geral a disputa pelo poder de poder dizer, e toma o Cinema, enquanto modo discursivo imagético-móvil e sonoro instituidor de dizeres mundo, como dispositivo à reflexão. O Cinema não é aqui assumido, portanto, como representação de qualquer coisa afirmada como real e nem como reprodução secundária de representações constituídas em outros campos discursivos, estes então (o das chamadas disciplinas científicas, o dos ditos domínios dos testemunhos genuínos) supostos legítimos campos das representações de um mundo admitido como dado e autônomo à representação que dele se faça.

Tendo em conta essa perspectiva e o que importa ao propósito de ocupar-se do dizer cidade no Cinema, o trabalho assume não apenas esse modo de criação / expressão mas também a si mesmo (tanto nos momentos da elaboração de fragmentos quanto nos da montagem destes) como um modo de territorializar, ou mais rigorosamente, como um modo de teritiorializar-desterritorializar-reterritorializar. Assim, na argumentação desenvolvida o Cinema é focado particularmente como um modo discursivo que diz, ou pode dizer, cidade. A especificidade desse modo, a nosso ver, é a de potencializar por suas características inerentes um duplo experienciar: o experienciar cidade diegético (dos personagens em suas tramas e ambientações); e o experienciar do experienciar diegético (o jogo expectador / filme). Experienciar como devir afectar, não como encontro / confronto entre presenças constituídas sujeito e objeto de uma totalidade encerrada nomeada experiência.

Consubstanciado no delineamento teórico-conceitual brevemente esboçado, o propósito direto do ensaio é refletir sobre o dizer cidade no Cinema, tomando por dispositivo a isso a filmografia de Nelson Pereira dos Santos do final dos anos 1950 e início dos 60, como discurso atual no campo de disputa sobre o dizer cidade à época.

Nelson Pereira dos Santos é um dos mais prestigiados cineastas brasileiros, com ampla filmografia que se inicia em meados do século passado e segue até o presente, passando pelo documentário e a ficção. Dessa filmografia o trabalho constitui como objeto a investigação algumas de suas primeiras obras, marcantes em momento de aceleradas transformações no cenário político, social e artístico brasileiro em que o tipo de modernização imposta implicava massivas emigrações do



campo, especialmente em direção aos já então polos urbanos Rio de Janeiro e São Paulo. São elas: Rio 40 Graus (1955), Rio Zona Norte (1957) e Vidas Secas (1963).

O duplo experienciar que vemos instigado por essas películas nos permite, em síntese, dizer que potencializam a possibilidade de discursos cidade que, escapando à tradicional dicotomia com o que é expresso como campo e à glorificação crítica ou acrítica do moderno e do urbano, incidem na tensão entre formas arcaicas e modernas de exploração.

QUEM REFERENCIA O QUE REFERENCIA QUEM REFERENCIA. UM OLHAR PÓS-ESTRUTURALISTA RASURANDO A IDEIA DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

Juliana Michaello M. Dias

Este artigo surge de reflexões fomentadas pela experiência de pesquisa com mapeamentos culturais no estado de Alagoas. O Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas, ao qual se vincula este trabalho, tem como metodologia o Inventário Nacional de Referências Culturais INRC que consiste em identificar, documentar e registrar bens culturais, de natureza imaterial, para atender a demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais de grupos formadores da sociedade brasileira e apreender os sentidos e valores atribuídos ao patrimônio cultural pelos moradores da região inventariada. O projeto, fruto de um convênio entre o IPHAN e a Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, vem sendo desenvolvido por três grupos de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas e tem previsão de finalização para meados de 2016. Para além do inventário propriamente dito, produzido como cartografia das referências culturais do estado como um todo, a pesquisa tem permitido discutir uma série de questões teórico-metodológicas que atravessam a própria ideia de tal projeto, bem como as interpelações que surgiram a partir da imersão de um dos grupos de trabalho o Grupo de Pesquisa Nordestanças nas territorializações dos sertões alagoanos. Parte destas questões e discussões trazidas à tona sob o olhar pós-estruturalista são o foco deste trabalho.

DIÁLOGOS ENTRE LEFEBVRE E CERTEAU: O LUGAR COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Cristina Seibert Schneider

Nas Ciências Humanas e na Geografia, em particular, o problema da definição do lugar aparece como uma necessidade diante da globalização que impulsiona um processo de gentrificação e de homogeneização do ambiente construído. A utilização da cultura simplesmente como vetor econômico, desprezando o caráter estético e artístico, quanto à preservação da cultura popular, da arquitetura vernácula, transformam o patrimônio em cenário espetacular, dentro de um padrão global de consumo turístico e contribuem para a diminuição da qualidade de vida em nossas cidades. Neste cenário, as Ciências Humanas e a Geografia em particular, buscam novos conceitos de espaço que respondam às condições sociais atuais e o conceito de lugar, como uma escala mais próxima ligada ao mundo vivido e das práticas microbianas, permite diálogos e perspectivas enriquecedoras para a análise da sociedade, uma vez que o interesse na contemporaneidade pelo conceito de lugar ocorreu concomitantemente com o aumento do interesse na preservação do patrimônio. Neste contexto, as chamadas cidades históricas, são tematizadas como uma tendência geral de apagar a memória urbana comprometendo seriamente o tecido social. Mas os modos de vida, os pequenos comércios ilegais que se observa nas cidades históricas, constituem formas de produção do espaço e também produção de realidades como táticas de atores menores, microresistências, relações de apropriação e táticas teimosas (CERTEAU, 1994) dentro de um sistema normativo, a ordem distante, do espaço concebido, de controle e de dominação (LEFEBVRE, 2013). Cria-se estratégias de controlar estes espaços para o turista consumir, transformando os sujeitos em usuários da cidade. No entanto, as práticas cotidianas e microbianas descontrolam o homogêneo e reforçam a não passividade dos sujeitos. Ao mesmo tempo as cidades históricas transformam-se em espaços de dominação produzidos na ordem distante, é o espaço concebido, onde o valor da troca prepondera. Este espaço como mercadoria antagoniza com as táticas cotidianas e descontrolam espaços de apropriação, de usos, como no espaço percebido das práticas socioespaciais e o espaço vivido, afetivo, do encontro, produzindo centros históricos esvaziados de significado social. A memória do lugar, aqui entendido como a capacidade humana de se conectar tanto com o ambiente natural quanto com o construído e seu significado simbólico construído a partir da apropriação dos grupos

no seu cotidiano é o grande desafio a ser enfrentado na contemporaneidade (HAYDEN, 1997). O caminho que se abre para esta problemática é pensar o cotidiano onde se realizam o local e o mundial, de uma dimensão social que emerge do cotidiano dos sujeitos, no seu modo de vida, nas relações sociais, nos usos e apropriações do espaço, refletindo e explicando as transformações urbanas. As perspectivas teóricas de Certeau e Lefebvre que por vezes dialogam, se aproximam e divergem, ampliam olhares e evidenciam microdiferenças onde existe aparente homogeneidade, constituindo um horizonte de possibilidades, incertezas e probabilidades que problematizam e contribuem para a análise da complexa sociedade contemporânea.



QUANDO CAI A NOITE NO PARQUE FARROUPILHA EM PORTO ALEGRE

Késsio Guerreiro Furquim

O Parque Farroupilha, na cidade de Porto Alegre capital do estado brasileiro Rio Grande do Sul, é um dos principais destinos de lazer diurno da população da cidade. Desde apresentação de artistas ao simples ato de observar o movimento, o parque é apropriado, sobretudo aos finais de semana, por um público de distintas idades e rendas. Paralelo a este cenário, o âmbito noturno é marcado pelo esvaziamento, tanto de pessoas como atividades. O pouco que sobrevive, num cenário de pouca iluminação, são atividades que permeiam o imaginário da população local como perigosas e ilícitas. Este artigo propõe-se a ser uma imersão nesse território noturno para desvendar as práticas dos sujeitos que o habitam, através de visitas sistemáticas ao local e entrevistas com aqueles que lá estão, avaliando a percepção deste sujeito praticante contraposta com o a percepção da população local.

AVESSOS ENCANTOS: POR ENTRE AS BORDAS DA CIDADE

Ecléa Moraes; Iaci d'Assunção Santos

A ideia de avesso remete diretamente às faces de um pano, que tem um lado principal e outro contrário. No sentido figurado pode remeter à noção de desengano, desilusão. Virar algo do avesso significa dizer virar algo do contrário ou olhar o outro lado, esmiuçando suas partes ocultas e proporcionando um outro ângulo de visão.

Propomos isto lançar o olhar para as bordas de água da cidade e esse entre que fica ali na orla que se deixa beijar pela água, indo e vindo fluindo, se fazendo avesso.

Explorar o “avesso do avesso”. Explorando a possibilidade de alinhar pelo viés do tempo anacrônico e não pelo linear, pelo viés do rizoma, que no conduz pelas nuances do que fazemos objeto e amplia o campo de visão e as potencialidades da imagem cidade. Puxar fios com efeitos arrasadores e fazer jogo com e a partir do poder de narrar_experienciar_agenciar cidade.

A necessidade de reposicionar as partes da trama tecida desata os nós que as fixam e desfaz o arranjo estabelecido. A possibilidade de outras combinações e de outras tecituras não só desmonta a colcha que “cobre” toda cidade e o discurso que dela fazemos, como traz à tona outros entrelaçamentos. Recomeços e reescrituras nos colocam, assim, diante das imagens e geografia das bordas, e da memória, acolhimento, afetividade, exclusões e do que delas sobrevive, abrindo o campo de visão e afirmando a força do anacronismo. Cidade e borda se reinventam e redefinem fronteiras e sequenciamentos. É simultaneamente o “fim” e a transformação de uma narrativa, ou simplesmente o seu recomeço.

TORNAR-SE CORVO EM ð ATOS

André Cavedon Ripoll

Este texto reflete sobre a possibilidade de uso das tecnologias comunicacionais não como veículos entre pontos no espaço, entre pessoas ou objetos, mas como constituidoras de um plano de existência justamente neste entre. O texto se aproveita de uma provocação (de um colega) sobre o devir-xamã e de uma citação em Deleuze e Guattari de "A Erva do Diabo" de Carlos Castaneda para fazer uma analogia entre o corvo, tanto em sua aparição em Castaneda quanto na cultura xamânica, com esta existência possível através das - não apenas, mas muito devido a - tecnologias comunicacionais. Esta existência tensiona com a ideia de espaço com fronteiras claras e bem traçadas, sugerindo que uma riqueza de relações existe na espessura destas bordas.

O trabalho é apresentado em ð (pi) atos, intercalando leituras, fotografias, sons e animações para fazer o percurso, do primeiro ao terceiro atos, de um voar em sonho, a um voar literal-técnico da modernidade a um voar-habitar em convite, tendo sempre o voar como uma analogia de deixar um espaço circunscrito em linha ou planos. Por não-fim, se apresenta o ato ð-pi que deixa o trabalho em aberto.

ESPAÇO NA ÉPOCA DA PROLIFERAÇÃO DE IMAGENS

Eber Marzulo

O presente trabalho trata de um novo momento a partir da clássica definição de Walter Benjamin sobre a reprodução da obra de arte, em que a problemática se desloca da reprodução da obra para a produção de imagem e sua proliferação em virtude da difusão de tecnologias. Centra-se a análise na produção de imagens do espaço em que se pressupõe esta produção imagética constitua um discurso que incida na descrição e interpretação sobre o espaço e, logo, sobre a paisagem urbana. Toma-se como referência para a reflexão produção recente de curta metragem sobre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, realizado por estudantes e professores dos cursos de arquitetura, urbanismo, planejamento urbano e geografia que teve como foco a vida cotidiana na Universidade. At UFRGS, referenciado no At Berkeley, funciona como dispositivo analítico ao articular a ideia de experiência na produção de imagem tanto quanto de experimento discursivo que instaura uma paisagem urbana peculiar, no caso dos campi da Universidade. Ressalte-se aqui a relevância de um ponto de vista que salienta o espaço em sua dimensão cotidiana e não como obra, mas antes como artefato cuja produção de sentido depende simultaneamente dos usos apresentados por narradores do discurso audiovisual que são também agentes cotidianos. Em perspectiva crítica, retém-se o problema de uma disputa de constituição do espaço desde discursos audiovisuais em que o próprio At UFRGS, referência do presente trabalho, está inserido. O espaço da Universidade então é abordado como caso de uma disputa cujo discurso em análise é ele próprio também constitutivo do que se define como época da proliferação das imagens.



“NÃO ME PRENDA SOU CONSUMIDOR”. FORMA DE PRODUCCIÓN Y CIRCULACIÓN DEL VALOR SOCIAL

Micaela Cuesta

“Não me prenda sou consumidor”. Habitantes de las zonas más pobres y olvidadas de la ciudad de Rio de Janeiro bajaron a las playas llevando esta frase estampada en una remera a manera de eslogan para reclamar su derecho a uso de esas costas de las que gozan “todos” menos ellos. A un año del relato de esa experiencia en boca de uno de sus protagonistas, nos proponemos reflexionar acerca de lo que el sintagma dispara: modalidades de articulación entre consumo, ciudadanía, subjetividad política, derechos y democracia. Nuestro trabajo se sostiene en la tesis que rechaza la articulación inmediata entre transformaciones en la estructura de consumo y, por tanto de producción y reconfiguraciones en el orden de la política. El supuesto que lo atraviesa afirma que, en los últimos 20 años hemos asistido a una exacerbación y, sobre todo, complejización de la lógica del consumo consustancial al capitalismo. Complejización que asume los rasgos de un proceso paradójico: mediante ella se realiza consuma la alienación, pero también, en su apelación se alude a un derecho o, mejor, un índice de justicia. La noción “consumidor” pareciera, así, indicar un desplazamiento del derecho político y del derecho social en la reivindicación de una ciudadanía con pretensión democrática. La inquietud por develar la ambivalencia que este vocablo condensa, nos llevará a revisar autores contemporáneos que, continuando la huella de Marx, se detuvieron en esta temática.

CONICAL INTERSECT: DESTRUIR E CONSTRUIR

Daniela Mendes Cidade

Gordon Matta-Clark (1943-1978), artista norte americano, realiza ações em edificações prestes ao desaparecimento onde o gesto do corte atravessa todo o seu processo. Os cortes realizados por ele, ao romperem com a lógica dentro/fora, estrutura/superfície, centro/borda, transbordam também o conceito de corte como instrumento que participa do processo de construção da arquitetura: destruir para construir. Este ensaio tem como ponto de partida o processo de realização do corte na ação intitulada Conical Intersect (Paris, 1975) para estabelecer uma relação entre arte, arquitetura e a filosofia de Derrida. A desconstrução é uma crítica filosófica, assim como os cortes de Matta-Clark caracterizam-se como uma crítica à arquitetura. Ambas são exercidas dentro do discurso. A desconstrução põe em permanente risco o seu praticante, assim como Matta-Clark coloca-se em permanente risco durante o seu embate com os materiais. A obra de Matta-Clark se aproxima de Derrida na crítica à estrutura. Matta-Clark desconstrói literalmente a arquitetura promovendo uma arqueologia da construção e elaborando uma crítica a sociedade pós-humanista. Derrida com a hospitalidade apresenta uma obra que nos transmite uma esperança contra totalitarismos. Derrida interroga a amizade e propõe repensar a hospitalidade: para ser hospitaleiro deve-se partir de uma existência de uma morada assegurada. Ou seria tão somente a partir do deslocamento daquele desprovido de abrigo, de morada que pode se abrir a autenticidade da hospitalidade? Para Derrida, talvez só aquele que sofre a experiência da privação de uma casa é que pode oferecer hospitalidade. Matta-Clark se aproxima desse conceito: só depois de ter a formação em arquitetura é que ele pode destruir a arquitetura, virá-lá ao avesso, trazer o interior para o exterior.



“Minar, escavar, perturbar e subverter”: a cena instabilizadora e o masculino coral

Duda Woyda/Djalma Thürler

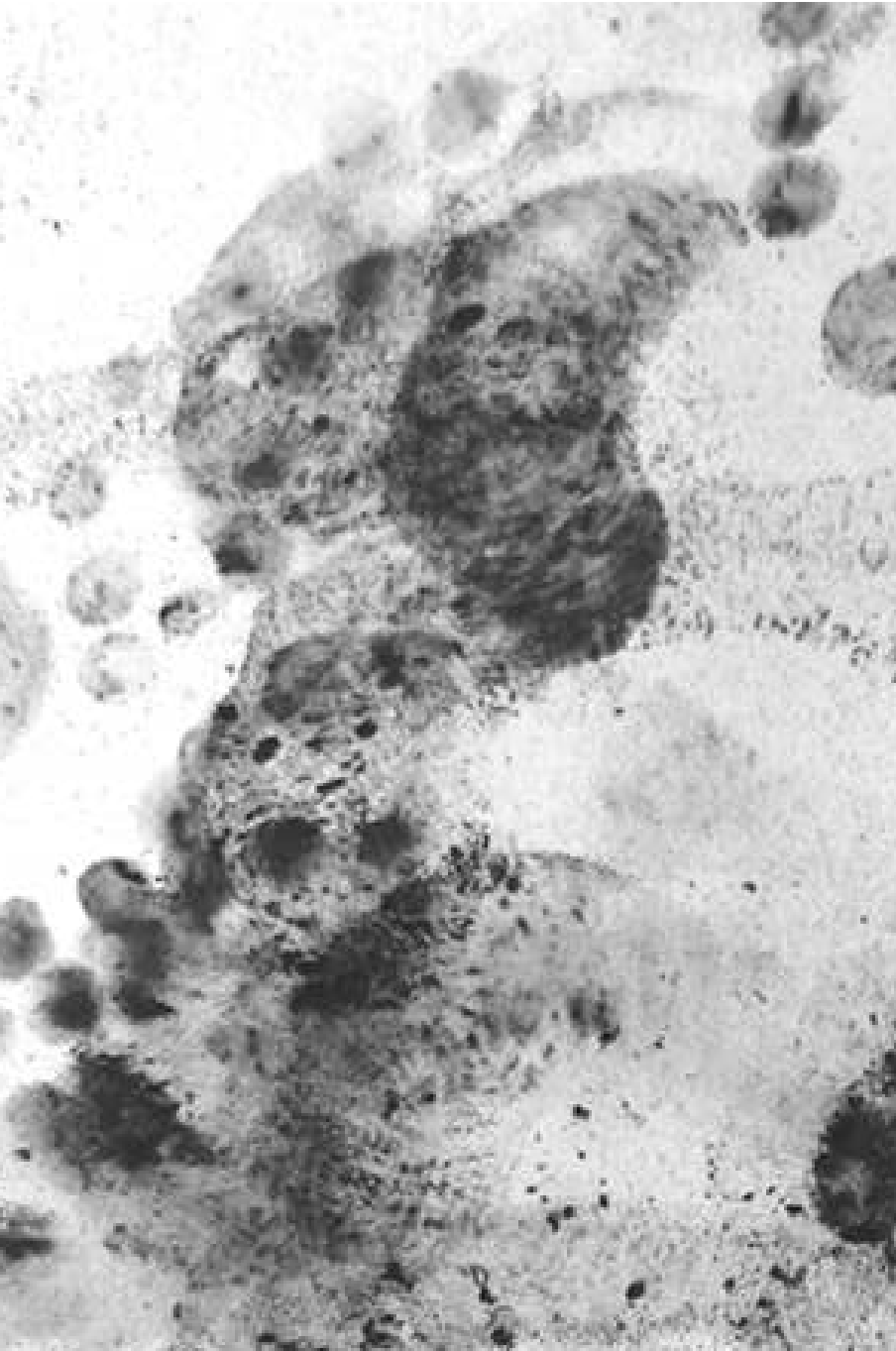
Temos aprendido que o mundo é uma ficção. Talvez com Katryn Woodward (2009), que nos alertou que as identidades sociais podem ser definidas como um conjunto de representações que os indivíduos atribuem a si mesmos a fim de comunicar aos demais a quais estratos sociais supostamente pertencem. Em outras palavras, que as identidades sociais podem ser compreendidas como os discursos produzidos por um indivíduo sobre si mesmo, ou sobre o seu grupo, a partir de um conjunto determinado de referências culturais, que servem para orientar a forma como os "outros" podem, ou devem, interagir com ele. Ou seja, sonha o rei que é rei, e segue com esse engano mandando, resolvendo e governando, como pensou Calderón de la Barca.

E foi assim, criando pontes entre a Teoria e a Arte, que esse artigo foi reescrito em seus eixos estruturantes, mas, sobretudo, a descoberta de seu viés político. O momento epifânico foi o trabalho que desenvolvemos no espetáculo teatral *O diário de Genet*, não apenas a criação de sua *mise-scène*, mas sua evidente aderência aos movimentos políticos das décadas de 60 e 70, sejam aos movimentos feministas, gays e de lésbicas, sejam aos legados políticos do Teatro de Arena e do Oficina, capitaneados, respectivamente, por Boal e Zé Celso. Com eles, a partir deles, percebemos a chance de contribuir para o enfrentamento social e, de forma pontual, enfatizar através do teatro, a masculinidade como uma construção identitária e herança colonial das mais perversas.

CAOSGRAFIA

Amanda Rosetti da Silveira; Ana Cabral Rodrigues; Flávia de Sousa Araújo; Frederico Guilherme Bandeira de Araújo; Gabriel Schvarsberg; Heitor Levy Ferreira Praça; Iaci D'Assunção Santos; Laura Souza Rêdes; Letícia Castilhos Coelho; Natalia Velloso Santos; Priscila Medeiros de Oliveira; Raphael Soifer; Ricardo José de Moura; Romier Gomes da Silva Aguiar; Samuel Thomas Jaenisch

O trabalho apresenta, problematizando, um modo de construção coletiva de discursos, denominado Caosgrafia, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC). Esse modo tem por fundamento o propósito ético-estético de navegar no limiar entre ciência e arte, articulando teoria e prática em atividades que proferem temas e problemas conquanto experiência estética de dizer (e criar) através de múltiplas linguagens. A concepção da Caosgrafia tem por referência chave a prática cartográfica reconfigurada enquanto trama de afectos (no sentido de Deleuze). Essa prática reconstruída é associada à noção de caos, acionado não como sinônimo de desordem, mas enquanto possibilidades do devir, habitado por fluxos de intensidades e afectos. Caosgrafia, então, pode ser dita como modo 'caótico' de constituição de grafias enquanto potência máxima às possibilidades de criação de discursos. O trabalho se estrutura por meio do que denominamos de fragmentos caosgráficos (aforismos), no intuito de evidenciar a ideia de que não há linearidade pré-concebida e hierarquia. Assumir, portanto, uma estética do fragmento, se torna exercício de uma prática política e de um processo de feitura realizado por muitas pessoas que não precisam e/ou não desejam concordar ou chegar a uma síntese, ou conclusão, ou verdade. O termo caosgrafia não se constitui como um conceito, mas se trata de uma prática política coletiva, cujo intuito é contribuir enquanto provocação, tensionamento e/ou desestabilização no debate do fazer, instituir e pensar mundo. A guisa de exemplo prático, no trabalho são discutidos processos caosgráficos voltados ao dizer cidade. São particulares experiências de criar discursos cidade em meio a determinado movimento interdiscursivo de outros dizeres cidade, sendo interpelado por ele e interpelando-o. Essas experiências com escrituras ditas cidade não são imaginadas como processos analíticos, etimológicos, semiológicos ou hermenêuticos, nem como crítica em sentido geral, ou mesmo nos termos kantiano ou marxiano, nem ainda como meios para alguma coisa (uma fala, um gesto, um escrito, uma fotografia), mas como o que denominamos "acontecimentos desconstrução". O atributo "desconstrução" colocado aqui, não no sentido de indicar a pretensão de uma "terra arrasada", mas sinalizando, ao modo de Derrida, o intuito de que o experienciar / acontecer se realize problematizando o dizer ontológico, logocêntrico, em termos tanto de derrubamento de estruturas, absolutos, totalidades, origens, destinos, relações causa-efeito, funcionalidades, quanto, no mesmo movimento, de transgressão poética.







Apoio



FAPEAL
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO
ESTADO DE ALAGOAS

Organização



Unit